

Helenismo *versus* judaísmo: Limites e tensões do *corpus paulinus*

Ronaldo Robson Luiz¹

Resumo

Ao realizarmos uma análise dos escritos paulinos sob os aspectos da sua forma e conteúdo, percebemos, de forma clara, a influência da formação judaica no pensamento do apóstolo Paulo, sobretudo sua utilização da Haggadá na explicação dos fatos históricos e da Halakhá na interpretação dos textos ligados à lei judaica. Paralelo a essa questão, evidenciamos alguns limites e tensões provocados por essa influência judaica em relação à contribuição da cultura helênica na teologia paulina. Portanto, os elementos judaicos juntamente com as influências helênicas representam uma força decisiva na modelagem da doutrina e na construção do que conhecemos como *Corpus Paulinus*.

Palavras-chave: cultura helênica, literatura rabínica.

Abstract

When we conduct an analysis of the Pauline writings on the aspects of form and content, we see clearly the influence of Jewish education at the thought of the Apostle Paul, especially his use of the Haggada to explain the historical facts and Halakha in the interpretation of texts on the Jewish law. Parallel to this question we observed some limits and tensions caused by that Jewish influence on the contribution of Hellenic culture in Pauline theology. Therefore, the Jewish elements along with the Hellenic influences represent a decisive force in shaping the doctrine and the construction of what is known as *Corpus Paulinus*.

Key-words: Hellenic culture, Rabbinic literature.

¹ Mestrando em Ciências Sociais – UFRN e Mestrando em Ciências da Religião – UNICAP (aluno especial) e-mail: ronaldo_rrl@hotmail.com

1 Paulo e a influência da sua formação

Entender o processo de formação do pensamento do apóstolo Paulo é de suma importância para que tenhamos uma visão mais clara dos elementos que, de forma definitiva, puderam nortear todos os seus escritos e corpo teológico. A relevância desse entendimento se dá, entre outras coisas, pelo fato de que Paulo exerceu uma influência fundamental na evolução do Cristianismo Primitivo e no estabelecimento da Igreja através das suas viagens missionárias e à aplicação da graça de Deus em Cristo. Ele continua a ministrar, em nossos dias, por meio das suas 13 epístolas, que se tornaram parte do cânon do Novo Testamento.

Ao analisarmos a formação e carreira do apóstolo, identificamos algumas pistas que nos levam a ter uma visão mais abrangente das etapas e construção da sua teologia. Goppelt (2003) apresenta três fatores da formação do apóstolo Paulo que influenciarão no seu pensamento:

- a) Ele era “hebreu de hebreus”. Isso nos mostra que ele nasceu numa família que tinha compromisso com as tradições dos pais. Seu nascimento se deu na cidade helenista de Tarso da Cilícia (Fp 3:5; At 21:39; 22:3).
- b) Ele teve o seu relacionamento com o judaísmo aprofundado com um estudo teológico em Jerusalém (At 26:5). Ele era discípulo rabino de orientação farisaica, antes da conversão (Gl 1:14).
- c) Ele afirmava que era zeloso da lei, perseguia os seguidores de Jesus (Gl 1:13). Isso corresponde a sua posição face ao movimento de Jesus, antes de ser convertido.

Quando olhamos para esses fatores citados como fomentadores do pensamento paulino, um primeiro elemento precisa ser esclarecido para uma compreensão das influências sofridas pelo apóstolo em sua teologia. A frase citada por Paulo “*criei-me nesta cidade*” (At 22:3), proferida nos degraus do templo em Jerusalém,

tem suscitado um debate se os primeiros anos de Paulo foram passados em Tarso ou em Jerusalém (CARSON *et al*, 2002). Essa questão tem chamado atenção porque nela está presente a indicação sobre o mundo ideológico do apóstolo: seu ensino teria sofrido maior influência do mundo grego ou do mundo judaico? A contribuição dessa frase depende de duas questões. Primeiramente, “esta cidade” refere-se ao lugar em que Paulo está falando (Jerusalém) ou àquela que acabou de mencionar (Tarso)? Encontramos estudiosos com compreensões diferentes sobre essa questão.²

Outra questão envolvida nesse versículo é a sua pontuação, na qual encontramos duas possibilidades claramente distintas, representadas pela NVI e ARA.

NVI: Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados...

ARA: Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados...

Sobre essas duas possibilidades Carsson *et al* (2002) afirmam o seguinte:

“A NVI³, ao colocar ponto final depois de ‘nesta cidade’, faz separação entre ‘criado’ e ‘aos pés de Gamaliel’, sugerindo que ‘criado’ refere-se à educação que Paulo recebeu dos pais quando criança. Paulo estaria, então, deixando implícito que, embora nascido em Tarso, fora criado em Jerusalém. Por outro lado, a tradução da ARA⁴, ao ligar ‘criei-me’

² TURNER, Nigel. Grammatical insights into the New Testament Edinburgh: T&T Clarck, 1965, p. 83-4

³ Nova Versão Internacional.

⁴ Almeida Revista e Atualizada.

‘aos pés de Gamaliel’, requer que ‘criei-me’ designe a educação rabínica de Paulo, um processo que teria começado no início da sua adolescência” (CARSON *et al*, 2002, p. 243).

Para Carsson *et al* (2002), a proposta apresentada pela NVI é a mais apropriada por apresentar uma sequência lógica de etapas – nascido/criado/instruído – que era um padrão autobiográfico natural da época.

Outro elemento fundante da teologia paulina foi sua herança farisaica rabínica que o influenciou bastante e que refletiu na sua própria postura ministerial e teológica com o apostolado. Os fariseus, “os separados”, era uma facção formada, em sua grande maioria, por leigos devotos, que, orientados por líderes letrados, estavam dispostos a levar suas práticas religiosas até as minúcias da vida (MATEOS; CAMACHO, 1992). Para esses autores, a doutrina farisaica teve uma profunda influência no pensamento paulino, onde se destacam os seguintes elementos: a imortalidade da alma, a ressurreição corporal no fim dos tempos, a existência de anjos e espíritos, a intervenção de Deus no destino do homem, mesmo não o privando do livre-arbítrio (*ibid.*, p. 36).

Atualmente, com as recentes descobertas do Qumran, através da numerosa literatura religiosa encontrada às margens do Mar Morto, temos melhores condições de entender os acontecimentos que deram origem ao Cristianismo, incluindo os grupos religiosos que faziam parte da época. Ruiz (1999) vai dizer que os fariseus constituíam a “direita” político-religiosa e que eram os conservadores das velhas tradições de Israel, principalmente no que diz respeito aos rituais. Mas, paralela aos fariseus, existia uma variedade de outras seitas, entre as quais, identificamos os essênios, conforme denominada por historiadores como Flávio Josefo e Plínio. Sobre esse grupo encontramos:

O núcleo central desse tipo de seita era constituído por um grupo de homens célibes que se retiravam para o deserto, para se dedicarem à vida de oração e de estudo da Lei. Eram autênticos monges, cujas regras e modos de vida influíram, sem dúvida, na

própria organização do monacato cristão, que nasceu exatamente naqueles mesmos desertos palestinos e egípcios (RUIZ, 1999, p. 14).

Nesse momento, a trajetória dos fatos nos aponta um aspecto paradoxal da relação entre o extremismo farisaico e a espiritualidade “qumrânica”. Pois, se no primeiro momento Paulo se tornou a peça-chave da perseguição à nascente comunidade judeu-cristã (At 22:4), após a sua experiência em Damasco, o apóstolo assume uma atitude contrária à primeira, chegando a assumir características próprias dos grupos inicialmente perseguidos (At 6:1).

2 Paulo e a literatura rabínica

Através da análise do corpo literário paulino, podemos constatar elementos da sua formação farisaica presente, ora apontando direcionamentos e, em outros momentos, servindo como contraponto. Dentro dessa relação, percebemos a Halaká como uma das chaves hermenêuticas para os escritos de Paulo, sobretudo a sua relação com a carta aos Gálatas. Von Rad (2006) aponta que o AT conhece exigências da vontade divina sobre diversas formas e interpretações, mas não conhece “a lei”, como designação coletiva de uma grandeza definida. Entretanto, dentro do rabinismo farisaico, surge, a partir da Tora, uma suma de ordens e proibições, sem que haja nenhuma diferenciação entre mandamentos éticos, cúlticos ou rituais (GOPPELT, 2003). Cada um desses mandamentos é envolvido com uma série de indicações casuísticas quanto ao seu uso. Essas indicações são desenvolvidas e transmitidas pelos rabinos, constituindo, assim, a Halaká (comportamento). Nesse sentido, a Halaká não é apenas a interpretação da Tora, mas assume, também, a dimensão do direito consuetudinário, que, por sua vez, tem fundamentação na Tora. Tem sua transmissão realizada oralmente⁵, como tradição obrigatória na sucessão rabínica; portanto, algo que fez parte da vida do apóstolo Paulo (GOPPELT, 2003, p. 118).

⁵ Apenas por volta de 200 d.C., a Halaká foi fixada por escrito na Mishná.

Na carta aos gálatas⁶, é discutida a polêmica sobre a admissão dos gentios ao povo de Deus na era messiânica (SANDERS, 2008) visto que não havia nenhuma regra que regesse esse fato, o que havia era o consenso entre os judeus sobre o procedimento para ser introduzido no povo de Deus que deveria ser somente na condição de prosélito. Segundo Sanders, alguns judeus-cristãos pensavam que essa mesma condição devia ser imposta aos gentios (*ibid.*, p. 30). Paulo tinha entendido que, de acordo com o Concílio de Jerusalém, não era necessário exigir a circuncisão para os gentios como forma de acesso ao povo de Deus, mas os judaizantes não entendiam dessa forma. Nisso residia, segundo Gonzaga (2007), o problema das comunidades mistas, visto que essas dificuldades iam surgindo à medida que os “pagãos” iam convertendo-se e entrando na Igreja.

Segundo Pohl (*apud* GONZAGA), a partir da Carta aos Gálatas, constatamos que os judaizantes queriam a Lei na vida dos novos integrantes do povo de Deus, os gentios (Gl 5:9; cf 3:15). Nisso resultaria a imposição da circuncisão (2:3-4; 5:2-3; 6:12-13); a observância das festividades judaicas (4:10) e a observância sabática juntamente com todos os rituais de pureza e/ou prescrições alimentares (2:11-12). Aqui percebemos o aspecto paradoxal do pensamento paulino com a expectativa da tradição farisaica rabínica, na qual o apóstolo, por sua vez, assume uma postura universalizante, demonstrando que não estava preso à obediência das leis ritualísticas, mas afirmava que, para adentrar a comunidade dos cristãos, bastava a fé em Jesus como o Messias, o Cristo ressuscitado, e que a circuncisão verdadeira deveria ser aquela “do coração, segundo o espírito” (Rm 2:29)

Diante dessa problemática, observamos que o apóstolo Paulo faz uma releitura do AT dentro de um esquema rabínico, fato inédito nos escritos neotestamentários e que o diferenciou dos demais escritores canônicos do NT. Essa releitura rabínica é conhecida como Midrash⁷,

⁶ Em especial na perícopé Gl 2:1-21.

⁷ O vocábulo midrash se deriva da raiz hebraica *dārash*, ‘sondar, investigar’, ou seja, descobrir um pensamento que não pode ser percebido à superfície. Refere-se, por conseguinte, a uma exposição didática ou homilética.

que, geralmente, se apresentava com características legislativas em especial a que observamos na Halaká. Esse esquema rabínico nos seus escritos, a partir da releitura do AT, apresenta um estilo literário que o identifica a partir do uso frequente das antíteses, que, no caso do *Corpus Paulinus*, não se trata de um simples recurso literário, mas de uma característica presente no pensamento de Paulo como sendo antitético. Esse pensamento antitético está presente em todos os seus escritos:

- Morte - vida, com a variante morte – ressurreição (Rm 5);
- Lei – fé, com a variante lei – graça (Rm 3:21; 4:25; Gl 3);
- Perdição – salvação (I Co 1:18; II Co 2:15; Fl 1:28);
- Escravidão – liberdade (Gl 4 e Rm 8);
- Trevas – luz ou noite – meio-dia (I Ts 5:1-10; Rm 13:11-14).

Dessa forma, encontramos, em toda a obra do apóstolo Paulo, traços rabínicos, sobretudo do esquema literário da Halaká, que influenciaram na modelagem e construção da teologia paulina e do seu estilo literário.

3 Judaísmo x helenismo: limites e tensões no pensamento de Paulo

Para Monica Selvatici⁸, o estudo formal sobre o fenômeno do ‘helenismo’ começa em meados do século XIX, com o historiador alemão J. G. Droysen, que, de forma pioneira, define, em termos eruditos, a época helenística. Essa expressão passava então a ter o sentido de fusão de culturas a partir das conquistas de Alexandre através dos seus empreendimentos exploratórios e/ou colonizadores, que, por sua vez, levou a cultura grega por um vasto império de dimensões

⁸ Doutora em História pela UNICAMP que tem desenvolvido pesquisas sobre o fenômeno do helenismo em relação ao judaísmo no pensamento do apóstolo Paulo.

continentais (COLLINS; STERLING, 2001, p. 2). Por sua vez, percebemos o uso do termo no sentido mais genérico referindo-se à cultura e aos costumes gregos, pela primeira vez, no livro de 2 Macabeus, onde é afirmado que a construção do ginásio em Jerusalém pelo sumo sacerdote Jasão levou a ‘um extremo de helenismo’ (**acmé tis hellenismou**). O uso do termo em 2 Macabeus diz respeito especificamente à noção da cultura grega como algo estranho ao Judaísmo. Segundo J. J. Collins e G. E. Sterling, “*este foi o significado da palavra ‘helenismo’ até o trabalho de Droysen*” (2001, p. 2).

Também, no livro de 2 Macabeus, encontramos o primeiro registro da palavra **ioudalismsós**, que, à semelhança do termo helenismo, também se refere a uma cultura, um modo de vida e, dentro do texto, representa o seu contraponto, de acordo com a formulação do autor antigo. Antes disso, o termo **ioudaioi** significara o ‘habitante da Judeia’, dizendo respeito também à questão da etnia. Por isso, os judeus na Diáspora recebiam, de igual maneira, a designação **ioudaios**, pois eram identificados como um grupo étnico que se mantinha unido e reproduzia seus costumes ancestrais. Ainda sobre essa questão, Selvatici (2002) nos informa:

A formulação elaborada por Droysen influenciou muitos trabalhos acerca das ‘origens cristãs’ e do Judaísmo antigo, de tal modo que os trabalhos que se atêm à relação entre a cultura helênica e a judaica são tão antigos quanto o próprio estudo da história judaica. A análise através do binômio Judaísmo/cultura helênica permanece ainda hoje o enfoque principal dos estudos sobre o Cristianismo antigo. O trabalho de Martin Hengel, autor da obra considerada um marco nos estudos sobre o processo de helenização do Judaísmo palestino - *Judaism and Hellenism* - é tributário da interpretação de Droysen, embora avance o argumento simplista deste na medida em que dá continuidade ao estudo discutindo o “*conflito entre o Judaísmo palestino e o espírito da idade helenística*” (apud COLLINS, 2001: 38). Este conflito fora suscitado pela reação dos Macabeus às medidas extremas adotadas por Antíoco IV Epifanes

em Jerusalém (a proibição do culto judaico e a dedicação do templo a um deus pagão, Zeus Olímpico) no século II a. C.. Desta forma, Hengel atenta para a reação a tal crise na Judéia, “*que quebrou o sincretismo, fixou o desenvolvimento intelectual sobre a Torá [através do grupo farisaico] e evitou a crítica fundamental do culto e da lei*”, segundo as breves palavras de J. J. Collins (2001: 38) (SELVATICI, 2002. p. 35).

A partir dessas considerações, podemos verificar que, mesmo em meio a tantas e diversas abordagens do processo de helenização dos judeus no Mediterrâneo Oriental (Palestina e Diáspora), onde o contexto do apóstolo Paulo se insere, há um certo consenso nos estudos atuais sobre essa questão no que se refere aos limites desse processo (SELVATICI, 2002, p. 40). A consciência de que, assim como o helenismo, o Judaísmo foi uma entidade múltipla na qual nem todos os aspectos mantinham o mesmo grau de importância é quase universalmente partilhada. Os autores sabem, atualmente, que, em muitos aspectos, como aqueles ligados à literatura ou à arquitetura, a adoção do estilo helenístico em nada prejudicava a sua identidade. Em relação a essas questões, “*os judeus não eram obrigados a escolher entre sucumbir ou resistir*”, na observação perspicaz de Erich Gruen (*apud* COLLINS, 2001, p. 40).

Dessa forma, onde devemos, então, procurar as raízes do pensamento *sui generis* elaborado por Paulo? Através de algumas pistas levantadas neste trabalho, acredito que o helenismo, com toda a sua carga cultural vivenciada nos dias do apóstolo e por todos judeus da Diáspora, se constitui apenas uma pequena parte dos fatores que determinaram/conformaram a pregação e a teologia do tão frequentemente chamado “helenizador” do Cristianismo. Diferentemente, penso que é, através de um exame mais pormenorizado da formação judaica do apóstolo, que, por sua vez, remonta a todo um itinerário histórico, que vai desde a sua infância, ao momento de sua conversão e de sua trajetória cristã (em seus embates com as comunidades judaicas do Mediterrâneo) que vivia, por sua vez, momentos difíceis dentro do Império Romano, é que podemos melhor compreender a teologia cristã presente no *Corpus Paulinus*.

Referências

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém: **Nova Edição Revista e Ampliada.** São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Vida.** 2. ed. São Paulo: Vida, 1999.

BÍBLIA. Português. **NVI.** São Paulo: Vida, 2002.

CAMACHO, Fernando ; MATEOS, Juan. **Jesus e a sociedade do seu tempo.** São Paulo: Paulus, 1992.

CARSON, D.A.; MÔO, Douglas J.; MORRINS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. **São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.**

CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. **São Paulo: Hagnos, 2004.**

COLLINS, J. J.; STERLING, G. E. Hellenism in the Land of Israel. **Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2001.**

DOUGLAS, J.D. Novo Dicionário da Bíblia. **São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.**

FITZMYER, Joseph A. **Linhas fundamentais da teologia paulina.** São Paulo: Edições Paulinas, 1970.

GONZAGA, Waldecir. **A verdade do evangelho (Gl 2: 5-14).** Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2007.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Teológica, 2003.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento.** São Paulo: Teológica, 2003.

RAD, Gerhard Von. Teologia do Antigo Testamento. **São Paulo: ASTE, 2006.**

RUIZ, José María Gonzáles. **O evangelho de Paulo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SANDERS, Ed Parish. **Paulo, a Lei e o Povo Judeu.** São Paulo: Paulus, 2008.

SELVATICI, Mônica. Paulo de Tarso e o Judaísmo no contexto dos estudos sobre o fenômeno do helenismo. **Hélade.** v. 3, n. 1, 2002.